

Saúde sem escrúpulos



Esta é a moral dos políticos: eleitor que está doente deve morrer

Estatísticas publicadas recentemente vieram demonstrar que 60% da população brasileira desconhece o significado da já famigerada palavra *escrúpulo*. Será que esse senso moral, essa delicadeza de caráter, a integridade, a intransigência no manejo dos dinheiros públicos e a probidade que essa simples palavra implica estão em extinção galopante? Essas condições morais vêm sendo ignoradas, em todos os níveis, pelos que sujam as mãos por dinheiro ou posições, renegando a fé e a Pátria. Fervilham as denúncias e tremendos libelos sobre o genocídio diário de milhares de nossos irmãos de sangue, deitados, indefesos, nas macas e no chão dos corredores da morte de nossos hospitais desaparelhados.

Milhares de infelizes que, vitimados por qualquer doença ou emergência, desde uma simples asma até um traumatismo craniano, são condenados a morrer sem assistência, esquecidos pela sociedade e pelo governo, afogados em suas próprias secreções e conspurcados nos seus próprios dejetos.

Quem serão os responsáveis? Os médicos? As enfermeiras? Longe disso, meus senhores. Esses fatos jamais ocorrem nos hospitais de fino trato. Somente ocorrem nos que dependem de um sistema de saúde — este, sim — inescrupuloso. Estas colunas vêm, continuamente, alertando os srs. políticos, as Comissões de Saúde estaduais, nossos magistrados, a OAB, nosso Ministério Público, nossos religiosos, enfim, todos aqueles que entendem um pouco — ou dizem entender — dos direitos humanos, dos direitos políticos, da moral de um povo e, ia quase dizendo, das nossas leis e de nossa Constituição. Afinal, quem são os responsáveis, neste

país, pelo cumprimento da moralidade das leis — rezadas pela Constituição —, de que todo brasileiro, por incrível que pareça, tem direito à saúde ou, ao menos, a uma morte digna, já que a incompetência e o descaso dos governos insistem na falta de vontade política e na distorção perversa em dar prioridade ao setor de saúde? As Comissões de Saúde nas Assembleias Legislativas existem, mas não funcionam.

Dizem que nada podem fazer, pois a oposição e a "situação" não permitem que apareçam as mazelas do governo, que quer esconder esses fatos do povo. Para que elegemos deputados, então, se não podem nos defender, permitindo que médicos, enfermeiros e doentes não sejam respeitados pelo Estado? Tolerando que a Previdência continue a pagar por uma diária hospitalar o equivalente a um metro cúbico de água ou o preço de um hambúrguer, para que os hospitais, que ainda aceitam um pagamento vil desses, possam alimentar, operar ou medicar esses irmãos que sofrem, com alguma dignidade.

Não nos conformamos!

Crime não é só matar, é também deixar morrer. E deixar morrer quando se pode salvar é o pior dos crimes hediondos. Nem o crime organizado conseguiria essa façanha, mas a saúde organizada o consegue, fazendo com que os bandidos que nos assassinam pareçam anjos de candura frente a esse exterminio organizado da população doente.

Estamos em época de eleição e não vemos na TV — gratuita — nenhuma solução que não seja uma agressão explícita à inteligência deste povo. Isso tudo ocorre em função de um aforismo político que *saúde não dá voto*... É essa a moral vigente dos nossos políticos: eleitores que ficam doentes devem morrer!... O que

podemos esperar de nossos políticos, das sociedades de juristas e religiosos, que deveriam interceder por nós, do próprio Ministério Público, nosso último recurso, que se têm omitido desses fatos, que culminam agora no genocídio de milhares de nossos entes queridos, feridos diariamente no mais sagrado de sua dignidade, que é o direito à vida?

É o povo, cada vez mais doente, cada vez mais faminto, cada vez mais pouco educado que pede a compaixão dos seus supostos defensores. A moralidade de um ato é determinada por sua aceitação universal — diria convivência universal dos que nos poderiam defender. A Previdência é o ministério que mais arrecada, mas só Deus sabe quanto desse dinheiro retorna aos hospitais, em total desrespeito ao artigo 198 da Constituição. Mas isso só é comentado a cada quatro anos, nas vésperas das eleições. Estamos cansados de ser iludidos com os planos de campanha dos candidatos, que geralmente são o contrário dos planos de governo. O ex-ministro Ricúpero, inspirador do primeiro parágrafo deste artigo, dizia com bastante sabedoria: "*Ou o Brasil reforma a Previdência, ou a Previdência acaba com o País (...)* A saúde é uma área insaciável de recursos e é o maior problema que eu tenho hoje." Há enorme abismo no Brasil entre vontade política e a veleidade dos políticos. Os médicos podem salvar apenas algumas centenas de vidas, mas os políticos poderiam salvar milhares se o quisessem, se tivessem a decantada "vontade política", em vez da "abulia política" que parece caracterizá-los.

Dizia Sólon que, "quando a moral individual decai, decai igualmente a moral política", e é exatamente isso que observamos, 2.600 anos depois, em nosso sistema. Não somos nós, a maioria, que somos silenciosos e não reclamamos, são a classe política e os parasitas do governo que se fazem de surdos. *Os corruptos e os corruptores neste país já formam uma floresta madura para*

o machado. Não acredito em países subdesenvolvidos, sobretudo um país como o Brasil, que tem tudo para dar certo. Acredito, isso sim, em países subadministrados e em hospitais subadministrados. É preciso abafar toda essa injustiça com mais prontidão do que se apaga um incêndio.

Gostaria de ouvir falar com mais freqüência em *caridade social*, em fraternidade, em amor ao próximo, em ser cristão. Nisso eu acredito! Um cristão é um homem que dá atenção aos outros, ao seu próximo. Amar o próximo não é ficar parado esperando que algo aconteça, mas sim ir ao encontro dele. Ser cristão é perceber que os outros existem. J. Maritain dizia que "*só a caridade, um dilúvio de caridade, poderá salvar o mundo*", e só a verdadeira caridade nos levará a procurar cada vez mais a verdadeira justiça, e a verdadeira justiça somente poderá florescer numa terra previamente lavrada pela caridade. Sei que estamos longe ainda de ser um país filantrópico. Verbas não existem. Nosso próprio ministro já afirmou que a saúde está falida e caloteando os hospitais. Mas verbas podem ser criadas. Einstein dizia que "algo só é possível até que alguém duvide e acabe provando o contrário". Alguém, não sabendo que era impossível, foi lá e o fez, como parece ser o caso do último plano econômico. As coisas difíceis são, muitas vezes, as coisas fáceis que não fizemos, quando as deveríamos ter feito. Entretanto, a única coisa que os políticos têm feito para os pobres e os necessitados é não se tornar um deles.

Os que obram o mal têm, ao menos, a coragem de fazê-lo, enquanto os que se tornam cúmplices — pelo silêncio — cometem o mesmo pecado com a covardia por acréscimo. A covardia e a omissão tornaram-se, por este diagnóstico, as únicas doenças incuráveis neste país.

■ Raul Marino Jr., professor titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da USP, é presidente da Academia de Medicina de São Paulo